

A CONSTRUÇÃO DE SI MESMO: UMA HISTÓRIA INCONCLUSA

André Garcia Corrêa

Instituto Federal de São Paulo, Câmpus São Carlos

andregcorrea@ifsp.edu.br

Eixo temático: Formação de Professores

Resumo: Neste texto tento trazer uma breve narrativa de minha trajetória de vida sob a ótica de referenciais teóricos para constituir uma ideia de si de forma ontológica e também com o eixo da docência como um aspecto transversal ao longo da minha própria vida. Tento fazer um paralelo dos conceitos freirianos da práxis e do ser humano inconcluso com a base de conhecimento docente e o professor prático-reflexivo. Assim como é preciso reflexão constante sobre a prática para aprender a ser docente, argumento que o mesmo se dá no nível ontológico. Ao ser, nos reconstruímos e nos constituímos num eterno aprendizado que envolve ação e reflexão.

Palavras-chave: Práxis. Prática-reflexiva. Ontologia.

1. Só há o Ser, ainda que inconcluso

Neste texto, procuro trazer minhas experiências de vida num breve relato em forma de narrativa sobre minha própria trajetória. Apesar da análise dessa narrativa ser embasada em termos e conceitos de um referencial bibliográfico e também serem frutos de uma reflexão pessoal, ela não parte de uma problematização. Não ao menos no sentido científico que um problema pode ter. Como hipotetizar a própria vida? Também, por não reconhecer que a vida possa ter uma essência, ainda que tenha substância, seria impossível dar-lhe um sentido teleológico. Também reconheço um certo valor intrínseco à vida, num sentido existencialista. Uma ontologia que a contém e que é contida nela ao mesmo tempo.

Portanto, dar-lhe uma resposta no sentido científico seria encontrar um valor extrínseco, um objetivo, uma razão de ser da vida. Ainda que acredite que a diversidade e a alteridade num sentido hegeliano sejam fatores *a priori* da constituição humana, o valor ou sentido da vida lhe é intrínseco, pois o ser o constrói sendo. Ainda que contido em uma realidade maior que si, o ser só pode ser em si¹. No entanto, ainda que a reflexão sobre a vida recaia fora dos limites da demarcação do científico, ela gera frutos epistêmicos, pois conhecimentos são construídos ao longo desse processo reflexivo. Os conhecimentos constituem o ser, têm substância, são construídos na intersubjetividade e também o transcendem quando na forma de conceitos que podem ser relatados, categorizados, conceitualizados e narrados.

Feito esse breve prólogo, acredito ser prudente evidenciar os conceitos teóricos balizadores da minha reflexão. Em sua análise, poder-se-ia dividi-la em dois axiomas, ainda que na vida prática essa divisão seja impossível: um ontológico e um relativo à prática docente².

¹ Ainda que o ser em si não coincida muitas vezes com a consciência de si, o ser só pode ser em si. Ainda que se viva uma consciência prescrita como na relação opressor-oprimido de Freire (2005), o ser ainda assim não pode ser fora de si.

² Essa divisão teria somente um propósito analítico. Os dois eixos se constituem mutuamente, sendo impossível que um exista separadamente do outro. Se um dos eixos tem caráter ontológico, outro necessariamente estará também ligado a ele.

Num aspecto mais ontológico e existencialista, me valho dos conceitos de Freire (2005), do ser humano inconcluso e da práxis. Para o autor, o ser humano é histórico. É inconcluso porque se encontra em constante transformação assim como a realidade concreta que o cerca. Tem poder de agência e mudança no mundo e se ressignifica, se constrói, ao agir sobre a realidade e mudá-la. As contradições do mundo que o cercam o impelem a dar uma resposta no nível da ação e no nível intelectual. Nessa relação dialética, os seres humanos são consciência de si e consciência do mundo, por imporem suas ações sobre ele e fazerem parte dele.

Portanto, para que essa construção dialética de si mesmo e do mundo possa ter lugar, Freire (2005) argumenta que seja necessária ação e reflexão, o que chamou de *práxis*. Somente a ação - cega sem a reflexão - ou a reflexão - inerte sem a ação - de forma isolada não podem constituir a práxis. O ser humano toma consciência do mundo por meio da reflexão, age sobre ele para transformá-lo e reflete novamente, buscando conhecer a nova realidade que ele mesmo modificou. A partir daí, como vive num mundo agora modificado por ele, portanto, materialização de suas reflexões - pode ter consciência de si mesmo. Tudo isso se dá em um contexto coletivo, cada ser humano sendo uma consciência inconclusa que além de interagir com o mundo, interage coletivamente com outras consciências, de forma que a relação do subjetivo e do objetivo também são contradições que compõem a consciência de si.

Num mesmo sentido, para fins desta reflexão específica, também considero minha prática docente - um dos aspectos de constituição do meu ser - como sendo um dos axiomas a serem refletidos nessa trajetória. Sua importância se dá na transversalidade com outros eixos do meu ser. A docência também é aprendida e ressignificada, exigindo uma espécie de práxis própria.

Portanto, para este eixo me valho agora do conceito de Base de Conhecimento Docente de Shulman (1986) que considera que a profissão docente exige conhecimentos e competências específicas divididos em diversas categorias. Que sua formação inicial não dá conta de constituir essa base e que é necessária reflexão sobre a prática e a experiência da carreira. Em outras palavras, a carreira docente também é pautada na contínua [re]construção e [res]significação.

2. A trajetória

Venho de uma família com fortes raízes rurais. Faço parte da primeira geração nascida urbana. Ainda assim, muitos aspectos da pós-modernidade se fizeram presentes desde o começo de minha jornada. Minha mãe se divorciou e criou os filhos sozinha. Pasmem, nasci de uma relação que nem chegou a se sacramentar matrimonialmente e também fui criado sem a ajuda de meu pai. Minha geração não foi a primeira com curso superior, tampouco fui o primeiro docente da família, mas posso dizer que minha geração desbravou o mundo acadêmico e sou, até o momento, o único com doutoramento entre todos nós.

Sei que por parte do meu pai houve pretensões artísticas, rapidamente sufocadas por uma realidade material que lhe impôs o caminho do serviço público na força policial. Já na adolescência decido pelo caminho da música e das artes.

Decido pela faculdade de música e venho parar em São Carlos, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em 2005. Não me importo muito com o fato de estar cursando uma licenciatura. Me dedico aos instrumentos, mas meu primeiro contato

com a docência já traz consigo muitas transformações. Troco de instrumento, abandonando a bateria para me dedicar à clarineta. Saio do Rock para o universo do choro, do samba e, ao mesmo tempo, tenho um contato intenso com a música erudita.

Faço iniciação científica, motivado pela remuneração da bolsa e nela descubro dois interesses de forma simultânea: me descubro pesquisador e me interesso pela Educação a Distância (EaD). Tecnologias Digitais e Educação serão sempre eixos da minha vida docente e de cientista. Mas decido por manter separada minha veia artística das demais. Em 2011 ingresso no Mestrado em Educação. Vou me dedicar a entender como o professor do curso de Educação Musical a distância aprende a ensinar na modalidade EaD.

Dava aulas particulares de música nessa época e trabalhava como tutor virtual no curso de Educação Musical a distância. Tenho meus primeiros contatos com a prática docente em universos bem diferentes. Em 2014, me torno professor no IFSP e me deparo com uma realidade ainda mais díspar e tenho um novo choque de realidade: Me torno professor de Artes no ensino médio. Apesar de apto segundo a legislação, tenho pouco conhecimento específico da disciplina e preciso aprender a ser professor de um conteúdo que me é completamente novo.

Em 2016, ingresso no doutorado. Desta vez, mais maduro e ambicioso academicamente, me dedico à sociologia da ciência. Em minhas investigações, procuro entender qual a relevância das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) dentro do campo da Educação. Esse será o momento de maior aprendizagem da minha vida, pois me dedico a temas como epistemologia e sociologia. Mergulho nas leituras de Aristóteles, Bourdieu, Kant, redescubro Paulo Freire, o materialismo histórico e tantas outras. Se Kant acordou de um sono dogmático ao ler Hume, nem posso dizer que acordei. Acredito ter nascido intelectualmente nesse período.

No lado pessoal, o aprendizado vem com a paternidade. Assumo a guarda de um adolescente junto com minha esposa e essa relação se transforma aos poucos em uma família no sentido mais lato da palavra. Educar não se dá mais entre paredes de uma instituição, mas dentro da própria casa. Os temas não são mais música, artes ou sociologia da ciência, mas a própria vida, escolhas, emoções e laços afetivos. Nesse momento presencio muito dos conceitos freirianos que se consolidam na minha consciência de si. A paternidade ou maternidade realmente nos coloca na condição de aprendizes constantes, ainda que devamos orientar a construção de um outro ser além de nós mesmos.

Me construo e aprendo interagindo com as demais pessoas e com o mundo. Ainda aprendo ao ser professor, ainda me construo na experiência da paternidade, de pesquisador e de artista. Procuro na práxis construir, reconstruir, dar significado e ressignificar todas estas experiências e as demais que estão por vir. Sou ser humano e ser docente faz parte dessa existência. A existência exige a construção de si mesmo, e o conhecimento é uma dessas substâncias do ser. Enquanto eu for, serei inconcluso.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

SHULMAN, L. S. Those who understand: knowledge growth in teaching. **Educational Researcher** [online], v. 15, n. 2, p. 4-14, 1986. Disponível em: https://depts.washington.edu/comgrnd/ccli/papers/shulman_ThoseWhoUnderstandKnowledgeGrowthTeaching_1986-jy.pdf. Acesso em: 26 out. 2022.